



ANÁLISE DE CASO DE REPRESENTAÇÃO LGBTI+: SOBRE JON KENT EM *SUPERMAN: SON OF KAL-EL* NÚMERO 17

ABOUT *SON OF KAL-EL* # 17: AN CASE ANALYSIS OF JON KENT

Mário J. PAIVA¹

RESUMO

O presente artigo realiza análise de caso de uma personagem LGBTI+ em edição recente da *DC Comics*. Referimo-nos a Jon Kent em *Superman: son of Kal-El* número 17. Nossa abordagem será qualitativa e dialoga com um variado aporte teórico, passando por nomes como Dandara Cruz, Darieck Scott, Ramzi Fawaz, Rob Lendrum, Neil Shyminsky etc. Nossa conclusão aponta para elementos positivos, *vide* o aumento do número de gibis tratando do tema, e negativos, que podemos demarcar em tal tipo de material, em uma questão ambivalente diante das possibilidades de representação *queer*.

PALAVRAS-CHAVE

LGBTI+; Superman; *Comics*; Quadrinhos; *Queer*.

ABSTRACT

This article performs a case analysis of an LGBTI+ character; we refer to the way Jon Kent is approached in *Superman: son of Kal-El* number 17. Our investigation will be qualitative, and dialogues with a varied theoretical contribution, going through names like Dandara Cruz, Darieck Scott, Ramzi Fawaz, Rob Lendrum, Neil Shyminsky etc. Our conclusion points to positive and negative elements, which we can demarcate in this type of representation, in an ambivalent question of the possibilities of queer representation.

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
E-mail: <mariojpaiva91@gmail.com>.



KEYWORDS

LGBTI+; Super man; Comics; Comics; Queer.

INTRODUÇÃO

Como foram exploradas por uma série de autores, relações sociais são perpassadas por uma série de elementos históricos, culturais etc., logo análises raciais, médicas, enfim biológicas, dentro de campos com relevância dos estudos humanos, foram dando maior espaço ao culturalismo e ao fato de dimensão propriamente sociológica (ROCHA, 2018, p. 400). Por isso, representações das relações LGBTI+ se alteram com o tempo,² assim como sua própria abordagem epistemológica, e elementos afins, algo explorado por toda uma interessante parte da obra de Michel Foucault.³

Por tal cenário, o presente artigo realiza um recorte de análise da forma como, contemporaneamente, os quadrinhos abordam o universo LGBTI+. Tendo em vista que o popular muito pode nos dizer sobre poderes, saberes, subjetividades, *doxa*,⁴ ideologias⁵ de uma época; elementos esses que se misturam na análise do social. Estudaremos aqui, especificamente, um *case* dentro da editora *DC Comics*, no caso o lançamento *Superman: son of Kal-El* número 17, e sua abordagem da personagem Jon Kent, filho da personagem Superman, Kal-El.⁶

² Valendo para certas discussões recorrer a Alexandrian (1993), por exemplo.

³ Cf. Foucault (2010, 2011, 2019).

⁴ Cf. Dee (2018).

⁵ Um pesquisador que parece se destaca recentemente, com análises sobre o *pop*, é o próprio autor esloveno Slavoj Žižek, sua produção é ampla, mas sugerimos Slavoj Žižek (2017, 2018).

⁶ Cf. Tom Tayler *et. al* (2022).



Por que estudar quadrinhos? Porque os quadrinhos, como aponta Pierre Bourdieu (2011), são tratados, comumente, como uma arte média em vias de legitimação, logo ainda relegados por parte dos detentores de maior capital, dentro do social. Olhar para o que ainda poucos pesquisadores, do universo LGBTI+, olharam, eis um aspecto almejado.⁷

Acreditamos que quadrinhos e animações são campos ricos para estudos acadêmicos sobre representação LGBTI+, *queer*. Aqui pensamos, por exemplo, em Caynnã Santos (2015) ou Mancio; Maranhão; Santos (2019).

E se estamos direcionados ao mundo da estética, isso envolve uma concordância com Rocha (2018, p. 407), quando ele aponta uma grande importância da estética como elemento relevante na constituição pessoal; a beleza é produzida pela nossa experiência de vida situada no espaço social, logo possui historicamente hierarquias e distinções, que se sedimentam (ROCHA, 2018, p. 404). É uma tentativa de entender, um pouco, dos elementos de *doxa* e do socialmente construído em nossas percepções estéticas, mesmo diante de uma arte encarada como *menor*.

Metodologicamente, nosso trabalho se divide em 3 fases. Primeira fase, estudo do *estado da arte* sobre esse ponto de conexão entre questões LGBTI+ e os quadrinhos. O presente artigo não é uma história das ideias⁸ aprofundada. Iremos apenas apresentar pontos importantes, em diálogo com todo um aporte sobre tal questão, *vide* Cruz (2017) ou Dalbeto (2015);

⁷ Darieck Scott & Ramzi Fawaz (2018), por exemplo, já apontaram que há elemento *queer* nos quadrinhos, mesmo que ainda não existam muitos estudos somando teoria *queer* e estudos dos *comics*, em termos comparativos com outras áreas.

⁸ História das ideias como campo de análise para uma anatomia do pensamento, tentando seguir tal vida de conceitos, teorias e mesmo da *doxologia* de um momento; vale conferir, por exemplo, Francisco Romero (1953), Isaiah Berlin (2009), Onfray (2008) e Merquior (1991).



nessa fase estamos dialogando, também, com todos os nossos escritos sobre quadrinhos anteriores, aqui pensamos em Mário Paiva (2021a, 2021b, 2022a, 2022b, 2022c). Segunda fase, uma demarcação e direcionamento dentro do campo, para questão e material pouco explorado, no caso o super-herói e a edição já mencionada. Terceira fase, análise mais aprofundada do material, para produção do presente artigo, e tirar dele conclusões parciais sobre o tema.

O presente texto se divide em quatro seções. Começou pela presente introdução. Passa, então, para um segundo seguimento, em que exploraremos um pouco de como os quadrinhos abordaram tais tópicos de representações LGBTI+ e *queer*; será uma seção mais geral, e de recapitulação de tópicos de importância. Na terceira parte, observaremos o roteiro e as ilustrações de tal edição selecionada, de Superman; eis parte para análise propriamente inédita do artigo. O texto se encerra com considerações finais.

SOBRE REPRESENTAÇÃO LGBTI+ NOS QUADRINHOS E O QUEER

Há todo um aporte teórico para mostrar como a comunidade LGBTI+ foi perseguida e relegada ao silêncio por muito tempo; ainda hoje, muitas questões e ambivalências permanecem.⁹ Nesses termos, representações dos quadrinhos seguiram, em alguma medida, lógica similar, sendo uma amostra do que o tecido social fazia em relação aos tópicos existentes. Inclusive existindo paralelos com outras mídias.¹⁰

⁹ Cf. Adriana Nunan (2003), James Green & Renan Quinalha (2018), João Trevisan (2018), James Green (2019), Bruno Bimbi (2017), Murilo Mota (2019), Luiz Mott (2003) etc.

¹⁰ Hollywood também não passou incólume por esse tipo de questão, algo ilustrado pelo *Código Hays*, de 1930, que proibia representações de personagens explicitamente homossexuais e alusões homoeróticas (SANTOS, 2015, p. 73-74). E, com isso, tais poucas representações ainda eram comumente negativas, *vide* certos filmes de Alfred Hitchcock (SANTOS, 2015, p. 74) etc.



O útil conceito de *queer coding* aborda representações implícitas, e possivelmente negativas, sobre os entes LGBTI+. Existiam nos quadrinhos americanos dos anos de 1930, 1940 e 1950, como aborda Cruz (2017), personagens e elementos que apontavam para o LGBTI+, o *queer*; vide Papa Pyzon, personagem das tiras *Terry and the pirates*, ou *Krazy kat*. Fala Cruz (2017, p. 50-51) de uma série de gírias e elementos, que estavam em diálogo com uma comunidade *queer* do período.

Nos anos 50 ocorre um evento de grande importância, como ponto de corte, o lançamento do livro *Sedução dos inocentes* de Fredric Wertham, 1954. É de importância porque, para tal psiquiatra, os quadrinhos eram relacionados não só com casos de violência, mas também envolviam ditos distúrbios sexuais, uma *degeneração da homossexualidade* (Cruz, 2017, p. 56). Havia assim críticas ao Batman, além da Mulher-Maravilha, falava o autor de um sutil homoerotismo. Robin morava junto com Batman em seus suntuosos aposentos, com um mordomo, e esse seria um sonho idílico para homossexuais, que levaria ao estímulo de fantasias *gays* nas crianças, de natureza mesmo inconsciente.

Ainda em 1954, os criadores de quadrinhos americanos, preocupados com uma possível intervenção do Estado, criaram uma série de regras para um autocontrole, que garantia um selo de qualidade. O *Comics Code Authority*, CCA, colocado em prática pela *Comics Magazine Association of America*. Obviamente, tal selo desencorajava representações da multiplicidade sexual.

Enquanto um campo para diferentes leituras, os quadrinhos realmente poderiam ser vistos como um espaço para o *queer*, mas nem todos os autores, ao longo do tempo, adotaram o pânico moral do mencionado médico. Se formos observar Dalbeto (2015) ou Neil Shyminsky (2011), a



figura do super-herói americano *mainstream* surge como uma representação conservadora ou reacionária de manutenção da sociedade; com um elemento de heteronormatividade, diante do próprio parceiro jovem, como Shyminsky (2011) discute bem.

Mesmo com aberturas de costumes, dos anos 60, 70, 80, ainda havia uma *cortina de fumaça* nos quadrinhos *mainstream*. Todavia, como aponta Lendrum (2004, p. 70), certas mídias usaram esse fator, de silêncio, para produzir uma ambivalência, que pode ser lida como modo de resistência, *vide* uma ambiguidade *gay* do seriado *Batman e Robin*, dos anos de 1960, que muito trabalhou com uma estética colorida, cômica, enfim *camp*, que teve apelo junto ao público *queer*.

É possível acreditar que maiores liberdades surgiram em selos menores, mais adultos, ou personagens que foram recebendo releituras. Espaços em que se permitiram maiores ousadias, enquanto o Estrela Polar da *Marvel* permaneceu no armário até os anos 90. Claro, aqui estamos tratando de *tipos ideais*,¹¹ logo há espaço para porosidades, e não barreiras estanques entre o que era *central* e o que não era. Aqui nosso objetivo não é ignorar uma importância do Batman de Frank Miller, por exemplo, apenas lembrar como ele era dissonante do muito que foi produzido, em termos de quadrinhos na época. Como aponta Rocha (2018, p. 403), não nos esqueçamos, o conhecimento é analítico, logo ele separa questões e hierarquiza, procurando compreender os fenômenos mais importantes, nunca pode abordar o todo.

Foi do esgotamento das regras da CCA que surgiu uma nova geração de artistas, os quais puderam trabalhar mais com tópicos sexuais na década de

¹¹ Cf. Barbosa; Quintaneiro (2009).



1990. Época em que, como já dito, Estrele Polar se assumiu homossexual. Mas, ainda havia muitas questões problemáticas e mesmo apelos, como demonstra Cruz (2017), ao corpo fortemente sexualizado de certas personagens femininas.

Foi dos anos 2000 em diante, na leitura de Cruz (2017), que o cenário se consolidou em melhoras e avanços mais significativos. Logo, atualmente, temos um número relevante de personagens homossexuais, bissexuais. Em termos lentos, o que observamos foi essa alteração: de uma forma idealmente estigmatizada ou engraçada, se passou para uma época com maiores e mais honestas representações. A abertura sociológica, política, para isso, não se deu em todos os campos sociais ao mesmo tempo.

Agora abordemos melhor a estética *queer*, antes de passarmos para próxima seção. Os estudos *queer* possuem por base, nos anos 90, uma problematização das relações de gênero. Partiram, em parte considerável, dos estudos feministas do século XX; com inspiração, por exemplo, em Simone de Beauvoir, que afirmava como a feminidade não é posta pelo nascimento. Em uma passagem, em algum nível, do biológico para o cultural também (FELIZARDO, 2015, p. 9).

Esteticamente o *queer* abre espaço para discussões sobre subversão e resistências, que permitem desestabilizar uma norma (FELIZARDO, 2015, p. 10). Irene Caravaca (2017) aborda o *queer* como aquilo que não é heterossexual, em um termo que carrega senso de alteridade, possíveis alianças entre diferenças; sendo termo abrangente, que deseja ir até contra esse binarismo do heterossexual *vs* o homossexual. *Queer* como algo que é estranho, que é contra o padrão, o legítimo.

Há toda uma discussão com Gilles Deleuze e Félix Guattari; toda uma questão de *desterritorialização* e deslocamentos, em linhas de fuga, evitando



o que poderia ser chamado de *crystalizações discursivas* (FELIZARDO, 2015, p. 11). Existe, então, uma busca por romper binarismos e inteligibilidades, em cenários de multiplicidades privilegiadas (FELIZARDO, 2015). Multiplicidades que desafiam normas, com imagens de *antinatureza* (FELIZARDO, 2015, p. 12). E, enquanto um elemento que desafia normas, o natural, há algo aqui que poderia ser associado ao monstruoso.¹²

A estética, como mostra Moraes (2017), é um campo para muitos tipos de experiências.¹³ Por isso, a autora fala de uma arte, modernista, que trabalha com os termos fragmentar, decompor, dispersar, logo está relacionada com caos e com uma ordem em desintegração. A pesquisadora aborda uma fragmentação do corpo, porém está ligada com uma fragmentação da consciência (MORAES, 2017, p. 57). Assim, acreditamos que, ao seu modo, a estética *queer* segue alguns preceitos fortalecidos nas vanguardas do século XX, que trabalhavam com decomposição, estranhamentos, somas inusitadas, o monstruoso etc.

Constantemente tais imagens, que somos submetidos, envolvem corpos idealizados de macho e fêmea, comportamentos *indispensáveis* aos papéis de gênero, regras que são, diariamente, *compradas* como verdade; elementos aceitos de modo acrítico (FELIZARDO, 2015, p. 45). Pode haver uma *fé* irrefletida de que aquilo que é *bom é belo* (ROCHA, 2018, p. 403). Logo, mesmo os sujeitos *anormais* organizados são propensos ao que envolve naturalizações excludentes (FELIZARDO, 2015, p. 34-35).

¹² Cf. Moraes (2017).

¹³ Max Ernst tratou da absurda junção de elementos de figuração distintos, que levam para imagens contraditórias, mas que ajudaram na própria inversão surrealista, que pode apontar para um sentido oculto, e igualmente para uma produção de um sentido totalmente novo, com possibilidades infinitas de mutação (MORAES, 2017, p. 42-43).



A estética *queer* como uma estética do choque, produzida de imagens vistas como desconcertantes, ridículas, feias, grotescas, perversas (FELIZARDO, 2015, p. 48). Um possível rir das normas, para autorizar uma existência das, já mencionadas, multiplicidades (FELIZARDO, 2015, p. 58). Havendo possibilidade de até se colocar em questão, com ironia, uma desconfiança em relação às políticas de resistências, das próprias aplicações da teoria *queer* (FELIZARDO, 2015, p. 72-73).

Acreditamos, então, que o uso do *queer* não envolve uma utilização completa de seu arcabouço teórico, seja Butler, Preciado, Foucault etc., mas ver o que funciona para nós, em termos de estética, ver o que funciona enquanto um grupo de ferramentas. Um meio de crítica ao que é da *doxa*, e do que nos incomoda nela.

Doxa, vale lembrar usando o aporte conceitual de Bourdieu, envolve o desconhecimento em relação aos elementos arbitrários do social, que cria um reconhecimento não formulado, contudo prático e internalizado; um conhecimento pré-reflexivo, moldado pela experiência (DEER, 2018, p. 155-156). Assim está relacionada às normas rotineiras de um campo e ao poder simbólico, nisso o universo estético não foge de tal regra. O que é ortodoxo e pressuposto, em nossa época, quando tratamos de quadrinhos de super-heróis? Ou de que lugares surgem *heterotopias*¹⁴ do universo dos quadrinhos? Em que espaços estão os *heresiarcas*, como aqueles que podem *quebrar tal doxa*?¹⁵

¹⁴ Cf. Dee (2018, p. 161).

¹⁵ Cf. Dee (2018, p. 162).



Nesses termos, o objetivo de um diálogo, entre o *queer* e os quadrinhos, não é almejar um autor tão transgressivo quanto o Marquês de Sade,¹⁶ mas almejar maiores possibilidades criativas, mais *heresiarcas* e *heterotopias*, contra materiais que, muitas vezes, são feitos propositalmente para serem medíocres.

Aqui, acreditamos, não estamos buscando uma máquina de transgressão estética infinita; afinal, como a estética bem mostra, o próprio choque pode ser apropriado. Uma lata de fezes, no fim, vira um produto caro, *chiq*. Não sendo sem razão que, corretamente, Scruton (2015) reclama das infinitas imitações da obra de Duchamp, *A fonte*, que são entediadas. Logo, constante experimentação nos faz sentido, mesmo que outras coisas nos façam menos sentido. Em suma, é uma aceitação nossa de que o *puro* choque pelo choque pode também não ter grande valor, ser contraproducente.

Devemos criticar uma *doxa estética*, apontada por Rocha (2018, p. 411), mas também devemos criticar o *puro* choque, esse elemento cultural não está fora de qualquer tipo de crítica artística. Isto que torna mais complexa tal discussão: há valor tanto na definição conservadora de estética, ver Scruton (2015), como também na estética *queer*. Mas, isso envolve elementos como gosto, capital cultural, construções históricas e sociológicas, o próprio propósito do que está sendo produzido etc. Uma pessoa que ouve *Tristan und Isolde*, de Richard Wagner, não está buscando o mesmo que o ouvinte de *Zeit*, da banda de rock *Rammstein*. Do mesmo modo, ilustrações de Alex Ross e Frank Miller são excelentes, mas para fins estéticos diferentes.

A impressão que temos é que os quadrinhos americanos, em certos momentos, poderiam ousar mais. O mercado de *mangás*, com suas próprias

¹⁶ Cf. Sade (2005).



questões e problemáticas, por exemplo, possui todo um universo maior de explorações do LGBTI+, com os *mangás BL*, *Yaoi* etc.,¹⁷ e isso vale ser registrado.

ROTEIRO E ILUSTRAÇÕES DE SUPERMAN: SON OF KAL-EL NÚMERO 17

A edição da revista começa pouco depois do retorno do Superman original, ao nosso planeta. Na edição estas personagens, pai e filho, começam apostando uma corrida até o mundo de Vega 3, enquanto há uma narração de Clark, sobre como ele sentiu falta de Jon. A ida, para outro planeta, funciona aqui como criação de um afastamento das obrigações e das urgências.

Na Figura 1 vemos um pouco como a edição trabalha com o azul, o vermelho, o amarelo e tons claros. A demarcação etária está nítida, Clark é mais forte, com olhos menores, feições do rosto mais quadradas e sérias.



Figura 1

Fonte: Acervo do autor

¹⁷ Cf. Zsila *et al.* (2018).



A corrida é ganha pelo mais jovem. O que faz seguir uma conversa amigável entre eles, enquanto aproveitam o planeta alienígena. Jon está deitado, quando seu pai pergunta sobre o que mais ele perdeu, enquanto estava fora. A Figura 2 representa o momento, sendo interessante o jogo de luz e sombra, em que o pai se apresenta em tons mais escuros; há olhos arregalados, em uma expressão de surpresa, que aponta como esta não é uma questão simples de ser falada. Seu pai, por estar mais próximo, parece maior que o filho, além de estar olhando para baixo. A própria narrativa diz que ele sabe como Jon ficou nervoso.



Figura 2

Fonte: Acervo do autor

Jon diz que há algo que eles deveriam conversar, contudo não termina sua fala. Levanta-se, fala para o pai não se preocupar, vai embora voando; enquanto ele reflete como o filho, que já enfrentou monstros, está com medo de falar com ele.



Páginas depois, já em nosso planeta, Jon está combatendo um incêndio quando encontra um novo inimigo, Red Sin, dentro do prédio em chamas. O vilão possui um equipamento, chamado *red sin*, que consegue inibir os poderes do Superman: dá-lhe um golpe, com uma cadeira, na boca. O que faz sua boca sangrar e o derruba no chão, enquanto a personagem fica incrédula, afinal uma cadeira não lhe deveria causar dano. Jon é chutado do prédio em chamas, parcialmente destruído, assim desce em queda livre, de um andar alto, quando grita pelo seu pai, que o vem salvar. O Superman original surge, o pega antes dele atingir o chão; pessoas em volta filmam tal evento. Jon desmaia.

A próxima cena se dá com Jon acordando na enfermaria da Liga da Justiça, Clark está lá. Os poderes de Jon voltaram. Jay¹⁸ aparece e invade tal enfermaria. Ver Figura 3.

Figura 3

Fonte:
Acervo do
autor



¹⁸ O super-herói com o qual Jon está saindo.



Jon pede para Jay sair por um minuto e há então um diálogo entre os dois familiares. O diálogo consiste em Jon falar como sabe que o relacionamento dele com Jay não é um segredo, mas em Vega 3 evitou ter aquela conversa, pois estava aproveitando o momento. O diálogo prossegue, com Jon dizendo como sabia que ele, seu pai, não iria literalmente sair voando embora do planeta, todavia se ele visse um *wrong look* no rosto do pai, mesmo por uma fração de segundo, com desapontamento, dúvida, desaprovação, então haveria distância entre eles.

O Superman original fala sobre sua própria infância e sobre seus próprios medos, para concluir que todos os dias de sua vida foram melhores com Jon neles. Quem Jon ama pouco interfere nisso. Quem fizer da vida de Jon algo melhor, será um herói aos olhos dele. O momento termina com o mais velho falando que sempre o defenderá, o amará e será seu pai. No fim, dá um beijo na testa do filho, e eles se abraçam.

O que podemos tirar de tal narrativa? Inicial elemento é como tal história trabalha com uma discussão LGBTI+ de como aberto, se afasta da ampla categoria de *queer coding* ou *queerbaiting*,¹⁹ sendo uma história de incondicional amor familiar. É a história de uma *saída do armário*, em que tudo deu certo, no sentido do mais jovem não ser preterido pelo pai. Logo, muitos entes talvez se identifiquem e até almejem isso para suas vidas; aceitação familiar ainda é tópico delicado e recorrente no universo LGBTI+.

Se o Superman, enquanto um dos modelos mais clássicos de heróis, é uma figura com elementos de conservação, sua aceitação de um filho LGBTI+ demonstra como tal ponto, aos poucos, deixa de ser transgressivo,

¹⁹ Cf. Caravaca (2017).



ganha espaço no tecido social. Mesmo que, claro, ainda haja focos de crítica e questionamentos, por parte do público.

Se uma marca da grandeza da *DC*, em seu campo, *ousa* abordar isso dessa forma, há uma vitória. Contudo, toda essa história de aceitação irrestrita, amor infinito, leva-nos para uma discussão mais propriamente *queer*, em nossa leitura. Se a trama funciona no aspecto de representação LGBTI+, em termos mais genéricos, em termos mais específicos, de representação *queer*, ela nos parece falha. Por quê? Por trás dessa história, de aceitação e amor, falta algum conflito maior, algo que desafie legitimidades estipuladas, falta algo que cause estranheza nessa edição, falta uma estética que ouse mais.

Começando pelas apresentações estéticas corporais das personagens, o que vemos? Toda uma proposta, dando continuidade às edições anteriores, de uma retratação da figura humana enquanto bela, com os elementos da saúde, harmonia, jovialidade. Com respeito aos padrões de gênero, mesmo respeito aos padrões típicos de retratação da figura dos super-heróis etc. Nisso, Superman pode parecer ainda conservador; houve uma incorporação, do elemento antes visto como *anormal*, ao universo da saúde, harmonia etc. Sem grandes inovações e riscos, em um produto mais *seguro* do que poderia parecer em um primeiro momento, em que uma representação LGBTI+ ainda soa como grande novidade. Enfim, as editoras tiveram décadas para explorações e aberturas bem lentas, diante de tais pautas, como já vimos.

Nada de um Superman com sobrepeso, como a personagem Fat Mamma;²⁰ nada de um Superman anoréxico, ou um Superman interssexual ou assexual. Estamos na *doxa* dos quadrinhos, exatamente no que nosso

²⁰ Personagem da série *Who wants to be a Superhero?*, do *Sci Fi Channel*.



tempo permite. O que exatamente está no campo de possíveis imagináveis, quando pensamentos na figura de um Superman LGBTI+?

A personagem levou um golpe na boca e quase morreu em uma queda. Não há nem um olho roxo aqui, ou lábio inchado, nada que ameace tal beleza asséptica, da representação existente; assepsia do *queer*, nós poderíamos dizer ironicamente. Nada como a violência de uma franquia como *Preacher*, em que um golpe no rosto deixa marcas, e a urgência exige palavras.

Nisso uma série de outras personagens podem nos soar mais *queer*, por causa de seus elementos de transgressão, rebeldia, ambivalências. Voltando ao artigo de Mancio, Maranhão & Santos (2019, p. 2-16), podemos pensar no próprio personagem *Ele das Meninas Super-Poderosas*, personagem que, genericamente, poderíamos chamar de *crossdresser*, com voz andrógena,²¹ linguagem corporal *extravagante*, pele vermelha,²² garras – que aqui relacionaríamos ao monstruoso, já comentado –, em uma figura que remete ao Diabo; e ao elemento híbrido (MANCIO; MARANHÃO; SANTOS, 2019, p. 2-17-8). Uma personagem, aparentemente, solitária; sendo misteriosa e temida ou ridicularizada.

Lembremos como *queer* envolve uma aliança entre diferenças e mesmo potências não facilmente demarcáveis. Logo, certas personagens de veia cômica, com honrosas exceções, parecem que poderiam desafiar melhor certas regras de gênero, de modo mais aberto. Aqui pensamos, primeiramente, em personagens como Deadpool ou Coringa. Seria sem

²¹ O artigo fala de uma oscilação na voz entre a calma e a irritada.

²² Interessante como o vermelho aqui, como é mostrado, pode ser relacionado ao inferno, ao pecado, ao imoral.



razão que uma das personagens próximas ao *queer*, em nossa leitura, seja um dos maiores vilões da editora?

A personagem Coringa, no filme *Coringa* (2019), discute problemas psiquiátricos, disfunção e abuso familiar, abandono das pessoas pelo Estado, o descaso dos poderosos, em uma obra que, para nós, possui um impacto emocional muito maior do que essa edição do Superman. Claro, o fato de serem mídias diferentes também deve ser levado em conta. O Coringa aceitou sua monstruosidade, e ele faz isso de diversas formas, ao longo de suas representações.

O herói conservador, em vários casos, ainda pouco pode apostar diante da liberdade dos vilões, dos anti-heróis? Assim é razoável muitos personagens do *queer coding* ainda possuírem grande carinho, junto à comunidade LGBTI+? Superman com seu filho (Figura 1) sorri de modo comportado; Batman mal sorri, sendo surpreendente vê-lo gargalhar no fim de *Piada mortal*.²³

A figura do Marquês de Sade, enquanto ancestral do *queer*, contrasta muito com tais super-heróis americanos. O mesmo valeria para uma série de outras referências. O objetivo aqui não é glorificar o vilão, dizer que Coringa está certo. Mas, ver como, em vários casos, vilões e anti-heróis possuem um substrato *queer* de maiores liberdades de representação, diante de uma ordem mais restritiva para o padrão de certos heróis.

As piadas que Deadpool faz incomodam o Homem-Aranha. O deboche coloca em questão muitas ações dos heróis, sua seriedade. Por isso, em

²³ Cf. Bolland; Moore (1991).



alguns momentos, esses personagens irônicos, cínicos, tornam-se mais identificáveis com o público.

Deadpool já matou o Homem-Aranha, dando-lhe um tiro inesperado no rosto, nada mais mundano.²⁴ Há, nisso, uma quebra da grande figura do herói. Homem-Aranha morto, desfigurado, no chão. Ao ser derrotado, de modo derradeiro, fica em questão se toda sua cruzada, cruzada do herói, fez sentido.

Há enormes potências criativas na subversão do super-herói, essa figura saída, mais ou menos, dos anos 30, 40 do século passado. O herói não precisa, necessariamente, morrer para ser subvertido, há opções; esse caso é visto em *007: Skyfall* (2012), com a personagem Silva, um agente que *voltou dos mortos* em busca de vingança, e em seu primeiro diálogo, com a personagem James Bond, coloca um tópico homoerótico no diálogo.

Peguemos outros campos dos quadrinhos, *mangás*, literatura etc., e vejamos isso: os quadrinhos de super-heróis estão, muitas vezes, muito longe do choque causado por Sade, Glauco Mattoso (2006), ou mesmo certos *mangás*. Então, qualquer minúsculo avanço, no campo dos quadrinhos de heróis, parece um grande feito.

Aqui estamos falando, em algum nível, de tentativas de capturas bem executadas e incorporações da comunidade LGBTI+ dentro dos produtos de consumo de massa; nisso podemos pensar em uma mencionada *asepsia queer*. Uma normalização ambivalente; não deixa de ser avanço, mas, igualmente, é uma perda da dimensão de alteridade, pelo conservadorismo existente, que muito dialoga com uma *doxa estética*, acreditamos.

²⁴ Cf. Bunn; Talajic (2018).



Há um termo em grego chamado *Meraki*, que significa fazer algo com amor e criatividade. É colocar alma em alguma coisa. Muitas das representações recentes da comunidade LGBTI+ nos parecem *amerakianas*. Falta criatividade ou mesmo amor, são protocolos em algum nível. Nisso propomos, aqui, o termo *representações LGBTI+ amerakianas*, no sentido de uma captura mercadológica e de normalização, que deve ser feita com baixo risco. Tais representações possuem esse elemento *queer* estético e que está andando conforme *doxa* existente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o presente artigo demonstrou, o objetivo almejado foi o cruzamento entre dois universos de pesquisa, aqui nos referimos ao campo de representações LGBTI+ e o universo dos quadrinhos. Usamos como recorte analítico uma edição recente da personagem Superman, tendo por base para nossa investigação qualitativa todo um aporte voltado para os quadrinhos americanos, mesmo uma discussão sobre estética *queer*. Enquanto tópicos e campos de estudos complexos, nosso objetivo foi introdutório.

Observamos como tal representação do universo LGBTI+ varia de acordo com elementos antropológicos, históricos, políticos. E, se há um avanço inegável aqui, possível de ser mensurado, há o outro lado da questão. Ao lermos a edição da personagem Superman selecionada e compararmos tal material com todo um aporte sobre quadrinhos e outras mídias, o que nos soa é que há certa *asepsia queer*. Uma captura da pauta LGBTI+ por um elemento de normalização. Em uma dimensão conservadora da comunidade LGBTI+, o que não é necessariamente algo ruim, mas é uma carência de



maior criatividade, de rebeldia. Em uma história bastante típica da tentativa de aceitação do amor do pai, por parte do filho.

Enquanto uma investigação pontual, mesmo que em diálogo com todo um aporte teórico, acreditamos que ainda há espaço para muitas futuras explorações. Em que, aqui acreditamos, haverá maior valor de choque quando a *DC* decidir concretizar o pânico moral de outra época; quando apresentar, oficialmente, Batman e Robin enquanto um casal.

REFERÊNCIAS

007 - Operação Skyfall. Sam Mendes (dir). Londres: Eon Productions, 2012. 143 min., col.

ALEXANDRIAN, Sarene. **História da literatura erótica**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; QUINTANEIRO, Tania. Max Weber. In: QUINTANEIRO, Tania (Org.). **Um toque de clássicos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BERLIN, Isaiah. **Ideias políticas na era romântica**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2009.

BIMBI, Bruno. 2017. **O fim do armário: lésbicas, gays, bissexuais e trans no século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond.

BOLLAND, Brian; MOORE, Alan. **Batman: a piada mortal**. Rio de Janeiro: Abril, 1991.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: Crítica Social do Julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2011.



BUNN, Cullen; TALAJIC, Dalibor. **Deadpool: Massacra o Universo Marvel** (Capa Dura). São Paulo: Panini, 2018.

CARAVACA, Irene Rubio **Queerbaiting: the unfulfilled promise of queer representation**. 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/37045999/Queerbaiting_The_Unfulfilled_Promise_of_Queer_Representation Acesso em: 15 jan. 2022.

CORINGA. Todd Phillips (dir). Burbank: Warner Brothers, 2019. 122 min., col.

CRUZ, Dandara Palankof. **A outra ponte do arco-íris: discursos e representações LGBTQTT nas histórias em quadrinhos de super-heróis norte-americanas**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2017.

DALBETO, Lucas do Carmo. **SUPERGAY: Diferenças, singularidades e devir nas superaventuras da Marvel**. Dissertação (Dissertação em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina (UEL), Paraná, 2015.

DEER, Cécile. Doxa. In: **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis: Vozes, 2018.

FAWAZ, Ramzi; SCOTT, D. Introduction: Queer about Comics. **American Literature**, v. 90, p. 197–219, 2018.

FELIZARDO, Juliano Guimarães. **Estética Queer: experiência, subversão, multiplicidade e devir na contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade vol. 2: O uso dos prazeres**. São Paulo: Edições Graal, 2010b.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade vol. 3: O cuidado de si**. São Paulo: Edições Graal, 2011.



FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade IV: As confissões da carne**. Lisboa: Relógio D'Água, 2019.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

GREEN, James. 2019. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora UNESP.

GREEN, James.; QUINALHA, Renan. (org.). 2018. **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca pela verdade**. São Carlos: EDUFSCar.

LENDRUM, Rob. Queering super-manhood: the gay superhero in contemporary mainstream comic books. **Journal for Arts, Sciences and Technology**, v. 2, n.2, 2004.

MATTOSO, Glauco. **Manual do podólatra amador**. Sao Paulo: All Books, 2006.

MERQUIOR, José Guilherme. **De Praga a Paris: O surgimento, a mudança e a dissolução da ideia pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

MANCIO, Camila Peres; MARANHO, Elisa; SANTOS, Gustavo. Queer representation incorporated at “Him”, character of “The Powerpuff Girls”. **Journal of Science and Technology of the Arts**, v. 11, n. 1, pp. 11-21, 2019.

MORAES, Eliane Robert. **O corpo impossível**. São Paulo: Iluminuras, 2017.

MOTA, Murilo Peixoto da. **Saindo do armário: da experiência homossexual à construção da identidade gay**. São Paulo: Fontenele, 2019.

MOTT, Luiz. **Crônicas de um gay assumido**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.



ONFRAY, Michel. **Contra-história da filosofia**: as sabedorias antigas. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

PAIVA, Mário Jorge de. Análise de caso sobre representações LGBTI+ em quadrinhos de super-heróis: sobre a representação de Superman na edição especial *DC Pride 2022*. **Caderno eletrônico de Ciências Sociais**, v.10, n. 2, pp. 36-52, 2022a.

PAIVA, Mário Jorge de. Análise do sadomasoquismo erótico existente no *mangá My beloved Sadist*. **Revista Gênero**, n. 22, pp. 1-18. 2021a.

PAIVA, Mário Jorge de. Análise sobre representação LGBTI+ em um quadrinho de super-heróis: *Superman: Son of Kal-El*. **9ª Arte (São Paulo)**, v.10, pp.1-20, 2022b.

PAIVA, Mário Jorge de. Análise sobre representação LGBTI+ em quadrinhos de super-heróis: sobre a personagem Robin em *Batman: Urban Legends* número 6. **Revista Sem Aspas**, n.11, 2022c.

PAIVA, Mário Jorge de. John Constantine e a questão homoafetiva: uma análise sobre representações LGBTI+ em quadrinhos de super-heróis e animações infanto-juvenis. **Revista Sem Aspas**, v. 10, pp.1-18 2021b.

ROCHA, Emerson. Cor e dor moral. In: SOUZA, Jessé (org). **A ralé brasileira**. São Paulo: Contracorrente, 2018.

ROMERO, Francismo. **Estudios de historia de las ideas**. Buenos Aires: Editorial Losada, 1953.

SADE, Marquês de. **The complete Marquis de Sade**. New York: Kensington Books, 2005.

SANTOS, Caynnã de Camargo. **O vilão desviante**: ideologia e heteronormatividade em filmes de animação longa-metragem dos estúdios



Disney. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SCRUTON, Roger. **Beleza**. São Paulo: É Realizações, 2015.

SHYMINSKY, Neil. “Gay” Sidekicks: queer anxiety and the narrative straightening of the Superhero. **Men and Masculinities**, v.14, n.3, 2011.

TAYLER, Tom. *Et al.* Superman: Son of Kal-El (2021-) #17 (English Edition). Burbank: DC Comics, 2022.

ŽIŽEK, Slavoj. **Acontecimento**: uma viagem filosófica através de um conceito. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

ŽIŽEK, Slavoj. **Lacrimae Rerum**: Ensaios sobre cinema moderno. São Paulo: Boitempo, 2018.

ZSILA, Ágnes. *Et al.* Loving the love of boys: Motives for consuming yaoi media. **PLoS ONE**. Florença, v. 13 n. 6, pp. 1-17, 2018.

Data de recebimento: 21/03/2023

Data de aprovação: 31/05/2023